

O TREVO

Fraternidade dos Discípulos de Jesus
Difusão do Espiritismo Religioso

Aliança Espírita Evangélica
Jul/Ago 2026 – nº 539

EDUCAÇÃO *Espiritual*

UMA CONSTRUÇÃO
AO LONGO DO TEMPO



Consciência:
uma potência da alma
para a evolução do ser
Página 7

A mulher de Ló
e os perigos de
'olhar para trás'
Página 9

Sombras da alma:
o fascínio por psicopatas
e o olhar espírita
Página 10

Sumário

3	Conselho Editorial	Apresentando a edição
4	Editorial	Fazer mais ou fazer juntos?
5	Filosofia	Educação espiritual: uma construção ao longo do tempo
7	Reforma Íntima	Consciência: uma potência da alma para a evolução do ser
8	Reforma Íntima	O despertar da centelha divina em cada ser
9	Evangelho	A mulher de Ló e os perigos de 'olhar para trás'
10	Visão Espírita	Sombras da alma: o fascínio por psicopatas e o olhar espírita
11	Histórias Inspiradoras	As oportunidades de fazer o bem que deixamos passar
12	Ciência	Uma luz no invisível: a ciência conseguirá 'enxergar' o mundo espiritual?
13	Evangelização Infantil	Semeando Luz: o sentido da Evangelização Infantil
14	Reforma Íntima	O corpo que herdamos influencia nosso comportamento?
15	Página dos Aprendizes	
16	Notas	



Missão da Aliança

Efetivar o ideal de Vivência do Espiritismo Religioso por meio de programas de trabalho, estudo e fraternidade para o Bem da Humanidade.



alianca.org.br



trevo@equipesalianca.org.br



facebook.com/aliancaespirita



instagram.com/alianca_espirita_oficial



youtube.com/AEEcomunica

O TREVO

Julho / Agosto de 2026 – Ano L • Aliança E. Evangélica
– Órgão de Divulg. da Frat. Discípulos de Jesus – Dif. do Espiritismo Religioso • **Dir.-geral:** Luiz C. Amaro • **Jorn. resp.:** Marina Gazzoni MTB 65063-SP • **Proj. Gráfico/ Edit.:** Marina Quicussi - Editora Aliança • **Conselho editorial:** Angela C. Amaral, Eduardo Miyashiro, Felipe Medeiros, Luan Moreira, Marcelo de Andrade, Maria F. Lopes, Maria J. Ribeiro, Mauro I. Cianciarullo, Thiago Rodrigues e Renata Pires • **Revisão:** Sônia Bramante, Suiang Guerreiro • **Colaboraram nesta edição:** Bruno Otto Theodoro Rosa, Carmen Armani, Humberto do Nascimento Filho, Leda Maria Louzada, Marcelo de Andrade, Rosana Meisters, Rosangela Sousa, Sílvia Torre • **Capa:** Thiago Rodrigues e Marina Quicussi • **Redação:** R. Humaitá, 569 – Bela Vista – SP/SP – CEP 01321-010 – Tel.: (11) 3105-5894 • **Inf. Curso Básico de Espiritismo e Proj. Paulo de Tarso:** (11) 3105-5894 (WhatsApp) • **CVV** 188. • **ISSN:** 30859913 • **Papel:** Couchê brilho, 90g.

Apresentando a edição

Vivemos tempos de rápidas transformações. A ciência amplia fronteiras, a tecnologia modifica a forma como nos relacionamos e novos desafios éticos e espirituais surgem diariamente. Em meio a esse cenário, a educação do espírito permanece como um dos caminhos necessários para a construção de uma sociedade mais consciente, fraterna e preparada para o futuro. É esse o fio condutor desta edição de **O Trevo**.

Nossa matéria de capa convida o leitor a refletir sobre a educação espiritual como uma obra construída ao longo dos séculos. A partir do exemplo de grandes educadores e missionários inspirados pela espiritualidade, o artigo mostra que a verdadeira transformação humana acontece quando conhecimento e valores caminham juntos, formando espíritos capazes de servir ao bem.

No Editorial, Luiz Amaro propõe uma reflexão importante para todos que atuam na seara espírita: afinal, o que fará nossa obra crescer? Mais do que realizar cada vez mais atividades, somos convidados a construir uma Aliança em que mais pessoas compartilhem responsabilidades, desenvolvam talentos e caminhem unidas em torno do mesmo ideal.

As páginas dedicadas à Reforma Íntima ampliam esse convite ao autoconhecimento. Em um dos artigos, refletimos sobre a consciência como uma das grandes potências da alma, capaz de orientar nossas escolhas e impulsionar nosso progresso espiritual.

Em outro texto, somos lembrados de que a centelha divina permanece viva em cada um de nós, aguardando apenas nossa disposição para permitir que essa luz se manifeste por meio do amor, da coragem e da transformação interior. A edição ainda aborda a influência do corpo, da genética e do ambiente em nosso comportamento, mostrando,

à luz da doutrina espírita, que nenhuma herança determina definitivamente o destino do espírito.

Revisitamos, também, a passagem bíblica da mulher de Ló, transformada em estátua de sal ao olhar para trás. O texto convida a refletir sobre os riscos do apego ao passado, aos antigos hábitos e às experiências que já não contribuem para nossa evolução, lembrando que seguir adiante é um permanente exercício de confiança e renovação.

Abordamos na seção Visão Espírita um tema bastante atual: o fascínio despertado por psicopatas em filmes, séries e documentários. A partir da ótica espírita, o artigo analisa essas trajetórias como expressões de espíritos em diferentes estágios evolutivos, propondo um olhar de responsabilidade, educação moral e caridade, sem jamais relativizar o sofrimento causado por seus atos.

Em Histórias Inspiradoras, acompanhamos o emocionante relato de uma adoção que desperta uma profunda reflexão sobre as oportunidades de fazer o bem que, muitas vezes, deixamos passar ao longo da vida. É um convite à sensibilidade, à compaixão e à responsabilidade diante daqueles que cruzam nosso caminho.

Na seção Ciência, o artigo de **O Trevo** relaciona descobertas

recentes da física com reflexões espíritas sobre a existência do mundo invisível, imaginando como futuros avanços científicos poderão ampliar nossa compreensão da realidade espiritual.

Em Evangelização Infantil, dois textos apresentam o verdadeiro sentido da evangelização das crianças, mostrando que ela representa uma semeadura de luz capaz de formar espíritos mais conscientes, fortalecendo valores que acompanharão o indivíduo por toda a existência.

A Página dos Aprendizes reúne reflexões produzidas por alunos de Escola de Aprendizes do Evangelho sobre temas como perseverança, consciência, auxílio ao próximo, autocontrole e crescimento espiritual.

Encerrando a edição, as Notas registram iniciativas que fortalecem o movimento espírita, como o encontro internacional My Universe, que aproxima jovens do Brasil e da Europa. E, como já é tradição, deixamos nesta página uma charge para descontraír.

Que esta edição nos inspire a investir, todos os dias, na educação do espírito, lembrando que cada aprendizado, cada escolha e cada gesto de fraternidade contribuem para a nossa trajetória de evolução.

Boa leitura!

Equipe O Trevo





Fazer mais ou fazer juntos?

Chegamos ao final do primeiro semestre de 2026 com a sensação de dever cumprido. A agenda foi intensa. Reuniões, visitas às Regionais, encontros, assembleias, atividades das equipes de apoio da Aliança, palestras, aulas, conversas e tantos outros compromissos preencheram nossos dias. Felizmente, grande parte do que foi planejado aconteceu.

Mas, curiosamente, permanece uma sensação inquietante: a de que ainda fizemos menos do que gostaríamos.

Talvez essa seja uma das marcas do nosso tempo. Vivemos sob a impressão de que sempre precisamos produzir mais, participar de mais reuniões, realizar mais eventos, atender mais pessoas e assumir mais responsabilidades. O compromisso com a causa é legítimo, mas precisamos nos perguntar: será que esse é o melhor caminho?

Em nossas conversas tem surgido uma reflexão importante. A sustentabilidade do trabalho da Aliança não depende de algumas pessoas

fazerem cada vez mais. Ela depende de muitas pessoas caminharem juntas.

*Nossa obra não
depende de pessoas
extraordinárias.
Ela cresce quando
pessoas comuns
caminham unidas em
torno de uma missão
extraordinária*

**Dar espaço para quem
chega**

Compartilhar responsabilidades não é apenas dividir tarefas. É confiar. É acreditar que outras pessoas também possuem capacidade, sensibilidade e compromisso para servir. É formar novos trabalhadores, abrir espaço para novas lideranças e compreender que ninguém é indispensável.

Essa talvez seja uma das maiores demonstrações de maturidade institucional. Quando concentramos muitas atividades em poucas pessoas, todos

perdem: quem assume acaba sobrecarregado; quem poderia colaborar permanece como espectador; e a própria obra limita seu crescimento.

É comum ouvirmos que faltam pessoas para assumir responsabilidades. Talvez essa constatação nos convide a uma pergunta diferente: será que estamos conseguindo envolver, inspirar e preparar outras pessoas para servir? Desenvolver novos trabalhadores talvez seja tão importante quanto executar as tarefas do presente.

Nossa missão continua sendo a mesma: evangelizar o mundo. Mas talvez precisemos refletir se os modelos que utilizamos hoje continuam sendo suficientes para responder aos desafios da sociedade atual. Precisamos nos comunicar melhor, acolher melhor, utilizar com sabedoria os novos meios de comunicação e tornar nossa mensagem cada vez mais acessível àqueles que chegam em busca de orientação e esperança.

Evangelizar não será resultado do esforço heroico de poucos. Será consequência do trabalho harmonioso de muitos.

Que este momento de encerramento do primeiro semestre seja também uma oportunidade para rever prioridades, fortalecer a confiança mútua e renovar nosso compromisso de construir uma Aliança cada vez mais participativa, colaborativa e preparada para os desafios do presente e do futuro.

Afinal, a obra não depende de pessoas extraordinárias. Ela cresce quando pessoas comuns caminham unidas em torno de uma missão extraordinária.

A missão da Aliança não precisa de heróis; precisa de discípulos que saibam caminhar juntos.



**Luiz Amaro é
diretor-geral da Aliança**

Educação espiritual: uma construção ao longo do tempo

Frederico Figner, o “irmão Jacob”, dedicado dirigente espírita, nos traz pelas mãos de Chico Xavier uma passagem rica em instrução no livro “Voltei”. Após trabalhar durante muitos anos pelo movimento espírita e estudar profundamente a doutrina, encontra no plano espiritual uma surpresa: uma simples professora de bairro, que provavelmente nem conheceu o Espiritismo naquela encarnação, apresentava qualidades espirituais superiores às de todos os desencarnados que aguardavam o transporte.

A educação espiritual talvez seja uma das mais importantes missões da humanidade. Ao longo dos séculos, diferentes educadores foram inspirados a contribuir para o desenvolvimento do espírito humano por meio da construção de valores eternos.

Diversas obras espíritas relatam que grandes transformações na educação foram planejadas por benfeitores espirituais muito antes de se concretizarem na Terra. Entre os nomes ligados a esse movimento destaca-se Johann Heinrich Pestalozzi, considerado um dos grandes renovadores da pedagogia moderna.

Segundo diversas obras espiritualistas, educadores como Pestalozzi não surgiram por acaso. Eles integraram movimentos mais amplos de renovação planejados pela espiritualidade. Os trabalhos planejados pela espiritualidade superior contam com diversos colaboradores. Quanto maior a elevação moral do espírito, mais exclusiva tende a ser sua missão.

Jesus foi único, pois seu amor infinito e seu profundo conhecimento das leis divinas garantiram a realização integral de sua tarefa. Já os demais missionários costumam atuar em grupos, apoiando-se

mutuamente e substituindo-se quando necessário.

O livro “Pestalozzi – um romance pedagógico”, de Walter Alves, mostra a seguinte cena no século XVIII, descrita no capítulo ‘O Conclave’: “Foi, então, que abnegados espíritos se reuniram em determinada região de elevada esfera espiritual, planejando as grandes transformações, necessárias em todo o planeta, e a preparação da França para as grandes tarefas de um futuro próximo.” Ali estavam os vultos do Iluminismo francês: Diderot, Montesquieu, Voltaire, Rousseau e Pestalozzi, entre outros vultos de renome missionários para as Américas. A transformação na educação era a grande missão a se iniciar.

***Pela intuição,
expoentes da educação
nos trouxeram
extensos arquivos e
orientações, escolas
e exemplificações
de como podemos
encontrar o caminho,
a verdade e a vida
pela educação***

Assim, Rousseau, inspirado por uma plêiade de espíritos benfeitores, traz obras literárias de vulto para a época, preparando o terreno para Pestalozzi.

A natureza e a vontade passam a ocupar posição de destaque no processo educativo.

Pestalozzi o sucede e aprofunda seus conceitos. A visão de processo progressivo de desenvolvimento humano passa de um estado natural para um estado social e, finalmente, para um estado moral. A educação moral tinha base na família e na religião sem dogmas. Nas dificuldades da vida, que eram muitas, ele soube aguardar de forma pro-

ativa e resignada a interferência da providência divina.

Do impulso aos valores morais

Seus livros, intuídos pelo mais alto, são referência na educação e transformaram aquela época. Para ele, “o homem primitivo é todo impulso, sem controle ... A educação o levará ao amadurecimento até tornar-se um ser moral, que compreende, sabe e sente o que é certo, o que é bom, com naturalidade.”

Assim, Pestalozzi, alinhado às diretrizes de sua missão, traz para a educação o método intuitivo, que é descrito, segundo Walter Alves, da seguinte forma: “O pensamento intuitivo trabalha, ao mesmo tempo, com o consciente, com o subconsciente, com a bagagem que o espírito traz de suas vivências passadas e com o superconsciente, além da inspiração superior que flui do mais alto e abre caminhos em sua própria razão, ampliando, de maneira fantástica, sua compreensão da vida, do mundo em que vive e de si mesmo.”

A intuição é o acesso ao pensamento destes bilhões de espíritos mais alinhados às designações divinas. Pela intuição, expoentes da educação nos trouxeram extensos arquivos e orientações, escolas e exemplificações de como podemos encontrar o caminho, a verdade e a vida pela educação.

Assim foi com Rousseau que abriu caminho para Pestalozzi, Goethe que o fez para Rudolf Steiner, Pestalozzi para Allan Kardec, este para Chico Xavier, Edgard Armond e Eurípedes Barsanulfo. Todos eles são espíritos de vontade firme e reta que, pela intuição e com amor, fundaram escolas trabalhando pela educação para desenvolver o espírito de forma integral.

Conforme lembrado no livro “Pestalozzi – um romance



pedagógico”, eles, como espíritos imperfeitos ainda, conseguiram avançar nas suas missões, pois embora seus defeitos, foram intérpretes fiéis do pensamento dos elevados espíritos que os assessoraram durante a existência carnal.

A tarefa continua. No meio espírita é sabido que Emmanuel, mentor de Chico e autor de inúmeras obras espíritas, após diversas encarnações como líder romano, escravo, religioso católico etc., retornou ao Brasil numa encarnação por volta do ano 2000 e que sua missão terá relação com a educação.

O desafio de buscar iluminação

Novamente no livro “Voltei”, encontramos a seguinte informação no capítulo ‘Na escola de iluminação’: “Dois terços das criaturas humanas encarnadas na Crosta da Terra

demoram-se em jornada evolutiva da Irracionalidade para a Inteligência ou da Inteligência para a Razão; a terça parte restante acha-se em trânsito da Razão para a Humanidade. Fora do corpo terrestre, mas ligados ao mesmo plano, evoluem bilhões de seres pensantes nas mesmas condições. Em esferas mais elevadas do planeta, outros bilhões de almas caminham da Humanidade para a Angelitude.”

Temos hoje cerca de 8 bilhões de almas encarnadas. Na esfera próxima e na fila da reencarnação, estima-se que existem entre 15 e 20 bilhões de espíritos. Entretanto, o que nos chama a atenção é a informação de que em esferas mais elevadas outros bilhões de almas, trabalhadores incessantes de Deus e Jesus, trabalham na criação, no apoio e evolução deste planeta. Ou seja, grande parte, senão a

maior, de espíritos na Terra estão em planos elevados e são alinhados às diretrizes divinas e cheios de amor.

Então, quando sentirmos o simples cantar dos pássaros numa manhã, o barulho do cair da chuva numa tarde de verão, o vento nas árvores, ondas na praia, o perfume de uma flor, ou outra qualquer manifestação simples da natureza, estejamos conscientes de que é Deus se manifestando pelo trabalho amoroso e abnegado de bilhões de espíritos em bilhões de anos de construção da Terra. No instinto, Deus se manifesta, mas, pela intuição, nós devemos aprender a nos manifestar por Ele.

Para saber mais: Leia os artigos Pedagogia Espírita de **O Trevo** 532 e 533

Mauro Iwanow é da Equipe de O Trevo





Consciência, uma potência da alma para a evolução do ser

Podemos comparar o nosso espírito como uma casa em construção, cujo projeto foi idealizado pelo arquiteto divino, nosso Criador. Todos nós queremos desfrutar dos confortos e possibilidades da casa, mas, para isso, é necessário que se conclua a construção.

O projeto é perfeito e está disponível ao nosso alcance, basta que empreendamos ações para a conclusão da obra. Como não conseguimos realizar a obra numa única empreitada, vamos vencendo as diferentes etapas até a casa ficar pronta. O mesmo acontece com nosso espírito.

Nosso espírito é obra em andamento e ainda levará muito tempo para que conquistemos nossa plenitude. Nosso Criador, que nos ama profundamente, nos concedeu instrumentos e recursos para que nossa construção espiritual se torne uma obra sólida e alinhada ao seu projeto.

Somos dotados pela criação divina com um princípio, uma razão que se manifesta em nosso íntimo, nos oferecendo um conteúdo, para que possamos articular as avaliações e os parâmetros necessários para que o nosso agir siga a sua verdadeira destinação: a de ser espíritos plenos. Essa base sólida é a nossa consciência, onde estão registradas as leis divinas, vide a pergunta 621 de “O Livro dos Espíritos”. Ela é fonte segura para que possamos caminhar para o nosso esplendor espiritual.

A consciência é um lastro interno para avaliações pessoais, visando que nossas ações e interações com o mundo se tornem mais éticas e responsáveis. A consciência, segundo Leon Denis (1846-1927), é uma das “potências da alma”. Essa potência é um dos recursos para balizarmos nossa conduta e utilizarmos nosso livre-arbítrio com sabedoria.

Ela está sediada em nosso espírito, como um centro ativo permanente, que está sempre presente em nosso espírito, tanto na vida material como na erraticidade.

***Nossa consciência
é um campo de
sabedoria que
vamos aprendendo
a acessá-la***

A consciência propicia recursos para que possamos acessar e desvendar as leis divinas que regem o Reino de Deus, utilizando mecanismos de alerta para sinalizar necessidade na correção do rumo de nossas escolhas. Recordemos os desconfortos que deparamos pelas escolhas egoístas e pelo remorso quando nos conscientizamos dos danos causados aos outros e a nós mesmos. É a famosa dor na consciência.

Um alerta para o caminho certo ou errado

Essas sensações não visam punir psiquicamente nenhuma criatura, mas alertá-la de que sua construção pessoal corre o risco de desabar ou ter um resultado bem adverso ao esperado, gerando, pela Lei de Causa e Efeito, as consequências proporcionais ao ato realizado.

Nossa consciência é um campo de sabedoria que vamos aprendendo a acessar através do nosso autoconhecimento, onde vamos desenvolvendo a nossa escuta íntima. Nesse movimento de introspecção, vamos nos tornando sujeito e objeto de nossa reflexão. Sou sujeito porque empreendo em uma ação: refletir. E sou o objeto porque a reflexão visa analisar e ponderar sobre minhas paisagens íntimas.

Leon Denis destaca que as conquistas morais que realizamos vão se perpetuando em nosso espírito. A consciência

não é um reduto já concluído, ela é centro sensível em nosso espírito, que interage com as percepções e sensações assimiladas, contribuindo com os princípios éticos universais que representam a harmonia, o equilíbrio e a expansão da casa do Pai Criador, permitindo que cada um de nós construa o seu conteúdo íntimo com mais assertividade.

Nosso espírito, assim como uma casa, não pode ser construído sem as bases de sustentação. Não se inicia uma casa pelo telhado, vamos edificando por etapas, garantindo que o que já foi erguido na construção se torne aquisição permanente. As reencarnações contribuem para essa construção, através das experiências que vivenciamos que visam despertar o nosso entendimento das leis divinas.

A ação da consciência transcende os fatores temporais, quando se refere ao passado envolve memórias de prazer ou dor, tornando-se valor para formulação de juízo para o presente. Quanto ao futuro, desperta a prudência, com base nos conteúdos já assimilados.

A consciência como mecanismo educativo está presente em todos os indivíduos, garantindo a igualdade filial de quem nos criou, mas muitos a ignoram ou a sentem como um breve lampejo, demorando para despertar para a verdadeira jornada.

É importante “ouvir” a nossa consciência, para que possamos aproveitar essa potência que nos foi concedida. Lembrando que a consciência também emana sinais de conforto e tranquilidade: quando agimos de maneira fraterna e ética, sentimos a alma leve e em paz, demonstrando que já conseguimos colocar mais um tijolo na nossa casa espiritual.

**Carmen Armani é
voluntária de O Trevo**



O despertar da centelha divina em cada ser

Diante das tempestades que, invariavelmente, visitam a experiência humana, é comum nos pegarmos em um questionamento silencioso e, por vezes, angustiado: “De onde vem a força para suportar tantos desafios?”

Na busca por respostas, nossa mente condicionada ao imediatismo tende ao óbvio. Tentamos resolver a dor da alma como quem sacia a fome do corpo: buscamos o paliativo, o prático, o alimento externo que faça o desconforto cessar rapidamente. No entanto, o alívio que vem de fora é efêmero. A verdadeira força, aquela que não se dobra perante a adversidade, nasce de uma fonte que não pertence ao mundo das formas, mas ao reino do espírito.

Essa força vem de Deus. Mas não de um Deus distante, sentado em um trono de julgamento; ela emana da presença viva do Criador que nos direciona, alimenta e protege a cada segundo. Entretanto, há uma chave fundamental que muitas vezes negligenciamos: a manifestação do Divino em nós depende, estritamente, da nossa permissão.

A delicadeza do convite divino

Diferente das forças da natureza que se impõem, Deus é a delicadeza que respeita o santuário de cada consciência. Ele não invade, não afronta, não “bate o pé na porta”. O Pai pede licença através do convite constante ao bem. É aqui que reside a nossa maior responsabilidade e o nosso maior privilégio: o livre-arbítrio.

A centelha divina — essa faísca de luz que habita o âmago de cada ser — permanece latente, como uma semente de luz à espera de solo fértil. Ela se manifesta através dos nossos sentimentos mais nobres, dos nossos pensamentos de

esperança, da coragem que brota no momento do medo e da vontade sincera de transformação. Quando decidimos, por esforço próprio, nutrir sentimentos de benevolência e caridade, acionamos o mecanismo sagrado que nos liga diretamente à fonte universal de energia.

Reforma Íntima: o trabalho do escultor

Muitas vezes, esperamos por fórmulas mágicas ou intervenções externas que removam as pedras do nosso caminho. Todavia, a doutrina nos ensina que o progresso é fruto de um “trabalho diário e esforço íntimo”. A verdadeira espiritualidade exige uma reorganização emocional. Não se trata de uma mudança passiva, mas de uma busca ativa pela racionalidade e pela calma.

Ser corresponsável pela própria jornada significa entender que não podemos, muitas vezes, mudar o cenário externo. Talvez não pos-

samos transformar a doença em saúde imediata ou a escassez em abundância material num estalar de dedos. Mas temos o poder absoluto de transformar como encaramos esses enfrentamentos.

Podemos carregar o fardo com o peso do lamento ou com a leveza da aceitação ativa. A solução para os nossos dilemas sempre virá, pois o Universo caminha para a harmonia. No entanto, o objetivo real da vida não é apenas o “ponto de chegada” ou a resolução do problema em si, mas a trajetória que descrevemos. É no caminho entre a dificuldade e a superação que o espírito se burila, que a inteligência se desenvolve e que o amor se consolida.

O despertar necessário

Se hoje você se sente cercado por incertezas ou pelo cansaço, lembre-se: a centelha divina continua viva dentro de você. Ela pode estar adormecida, abafada pelos ruídos do mundo e pelas preocupações materiais, mas ela jamais se apaga.

Abrir o coração para receber essa energia não é um ato místico complexo, mas uma escolha de simplicidade. É silenciar a revolta para ouvir a intuição. É trocar a queixa pela ação transformadora. Ao reorganizarmos nossa casa mental e abriremos as janelas da alma para a luz do Cristo, permitimos que essa força nos fortaleça diariamente.

A dificuldade é o convite; a nossa transformação é a resposta. Que possamos, hoje, dar essa permissão, deixando que a faísca de Deus em nós se transforme em uma chama constante de paz, resiliência e luz. O mestre bate à porta; cabe a cada um de nós a alegria de abrir.



Rosangela Sousa é do CE Redentor, na Regional ABC



A mulher de Ló e os perigos de ‘olhar para trás’

A passagem da mulher de Ló, registrada em Gênesis (19:26), permanece como uma das mais expressivas advertências espirituais das Escrituras. No momento em que Sodoma e Gomorra eram destruídas, a orientação era clara: seguir adiante, sem olhar para trás. No entanto, ela hesita — e esse gesto a transforma em uma estátua de sal.

Mais do que um relato histórico, essa narrativa é profundamente simbólica. O olhar para trás representa o apego ao passado, a saudade de uma vida que, embora conhecida, já não corresponde às necessidades evolutivas do espírito. Sodoma, nesse contexto, deixa de ser apenas um lugar e passa a simbolizar estados íntimos marcados pelo materialismo, pelos excessos e pelas ilusões transitórias.

Sob a ótica espírita, e de Jesus, essa passagem revela um ensinamento essencial: não basta afastar-se fisicamente das experiências inferiores — é necessário desprender-se interiormente delas. A mulher de Ló foi retirada de Sodoma, mas seu coração ainda permanecia

ligado àquele modo de vida. Seu gesto evidencia a dificuldade humana em abandonar hábitos, vícios e padrões que já não contribuem para o crescimento espiritual.

O risco de estagnação espiritual

Mas essa não é apenas a história de uma personagem do passado. É, sobretudo, um retrato de cada um de nós.

Temos, sim, uma tendência muito humana de permanecer onde já conhecemos, mesmo quando esse lugar já não nos faz bem. O conforto do conhecido, ainda que limitado ou até doloroso, muitas vezes nos parece mais seguro do que o desafio de recomeçar. E, sem perceber, vamos nos acomodando em situações, relações e pensamentos que se tornam silenciosamente tóxicos.

Quantas vezes olhamos para trás? Quantas vezes nos apegamos a dores antigas, a vínculos desgastados, a culpas que já poderiam ter sido transformadas? Não é fraqueza — é humano. Mas é também um convite à consciência. Permanecer preso ao que nos limita não nos protege — nos paralisa.

A transformação em estátua de sal surge como uma metáfora dessa estagnação espiritual. O sal, aqui, simboliza rigidez, imobilidade, perda do fluxo da vida. Quando nos fixamos no passado ou no que nos faz mal, deixamos de caminhar — e, sem movimento, não há crescimento.

Essa lição é reforçada pelo próprio Cristo, quando, em Evangelho de Lucas (17:32), adverte: “Lembra-vos da mulher de Ló”. O ensinamento ecoa como um chamado à vigilância interior, convidando-nos a reconhecer o que já não nos serve e a ter coragem de soltar.

A vida nos convida a deixar nossas “Sodomas” pessoais — tudo aquilo que nos aprisiona e impede de avançar. E, embora seja natural sentir medo ou saudade, somos chamados a confiar.

Seguir, mesmo com receio, é um ato de fé. Soltar, mesmo com esforço, é um ato de coragem. E evoluir é, sempre, um movimento de libertação.

Silvia Torre é voluntária de O Trevo



Sombras da alma: o fascínio por psicopatas e o olhar espírita

Nos últimos anos, minisséries e documentários que retratam assassinos em série e crimes hediondos transformaram-se em sucessos mundiais. Produções como “Dahmer: Um Canibal Americano” e “Monstro: Irmãos Menéndez”, da Netflix, ou a brasileira “Tremembé”, do Prime Video, dedicam temporadas inteiras a crimes chocantes. O interesse do público levanta uma questão profunda: por que nos fascinamos por psicopatas? À luz do Espiritismo, a resposta passa pela compreensão da jornada evolutiva do espírito e das causas espirituais dos distúrbios mentais.

As produções são premiadas e aclamadas pelas atuações e por escancarar o abismo a que a condição humana pode chegar, mas também são criticadas por glamourizar o assassino e romantizar o crime.

Para o Espiritismo, o mal não é uma entidade independente, mas a ausência de conhecimento e de moralidade. Allan Kardec identificou uma categoria de espíritos impuros ou inferiores que ainda se deixam dominar pelo egoísmo e pela crueldade. Encarnados, esses espíritos, muitas vezes, entregam-se a vícios e cometem atrocidades por ignorância e desequilíbrio. Em vez de qualificá-los como “maus”, podemos vê-los como almas em processo de evolução, imaturas ou doentes, que necessitam de aprendizado e reparação para progredir.

Casos como o do assassino em série retratado em “Dahmer” ilustram essa visão. Em sua declaração final, o criminoso afirmou que não se defenderia à Justiça, reconheceu que era “doente ou mau” e pediu desculpas às famílias das vítimas. Mesmo uma alma profundamente perturbada pode ter lampejos de consciência e iniciar um caminho de arrependimento — sinal de

que, embora ainda não evoluída, não está perdida.

Psicopatia, memórias e traumas de vidas passadas

A psicopatia, na visão espírita, não surge apenas de predisposições biológicas; ela pode resultar de tendências de vidas anteriores, de obsessões espirituais e do mau uso das faculdades intelectuais e ou mediúnicas. A médium Yvonne do Amaral Pereira relatou em “Recordações da Mediunidade” que, desde a infância, recordava sua última existência, experimentando crises nervosas e saudades inexplicáveis. A história mostra que lembranças reencarnatórias podem influenciar o comportamento, gerando ansiedade ou desconexão da realidade.

O escritor Léon Denis acrescenta que a adaptação dos sentidos espirituais ao corpo físico é gradual. Até cerca de sete anos, o espírito da criança ainda vive parcialmente no plano espiritual, podendo ter percepções de vidas passadas. Pesquisas contemporâneas confirmam que traumas e abusos na infância são frequentes em histórias de *serial killers*, embora especialistas em criminologia enfatizem que esses fatores não são determinantes — inúmeros sobreviventes de traumas nunca cometem crimes.

O Espiritismo distingue a neurose, em que o indivíduo enfrenta conflitos internos sem romper com a realidade, da psicose, em que a pessoa substitui o mundo exterior por fantasias. Sigmund Freud descreveu a psicose como uma ruptura entre o ego e o mundo, enquanto a neurose é um conflito entre o ego e o inconsciente. Kardec acrescenta que certos estados mentais podem ser expiações de espíritos que abusaram das faculdades intelectuais no passado; por isso, são pessoas que precisam

de tratamento, independentemente da pena atribuída.

O caso Lemaire: reconhecimento e reparação

No século XIX, Kardec evocou o espírito de Lemaire, criminoso executado na guilhotina. Na comunicação mediúnica, Lemaire confessou que sua maior dor após a morte era moral e que sentia profunda vergonha e remorso. Ele admitiu que a tendência ao crime estava em sua natureza de espírito inferior, mas lamentou não ter recebido educação moral adequada.

Encontrou suas vítimas felizes, compreendeu que apenas novas encarnações permitiriam reparar seus crimes e percebeu que a pena de morte não resolveu seu problema, apenas o transferiu de plano. O relato sugere que espíritos em suas primeiras fases evolutivas podem aprender com a dor, reconhecendo que o sofrimento alheio recai sobre si mesmos pela lei de causa e efeito.

A popularidade de produções sobre crimes reais reflete nossa curiosidade sobre os extremos da condição humana — ou talvez despertem a nostalgia da nossa realidade de um passado distante? A doutrina espírita oferece uma leitura compassiva: assassinos e psicopatas são espíritos imaturos ou ignorantes, que necessitam de educação, tratamento e expiações para evoluir. Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, somos convidados a ter caridade com os criminosos, orando por eles e pedindo pelo seu arrependimento, o primeiro passo para a regeneração.

Ao assistir a essas histórias, longe de glorificar seus atos, deveríamos refletir sobre nossas próprias sombras, buscando o autoconhecimento e o exercício da caridade.

Thiago Rodrigues é voluntário de O Trevo



As oportunidades de fazer o bem que deixamos passar

Era um dia de inverno. O sol aquecia gostosamente nossos corpos e a sombra lembrava o quanto ainda precisamos de cuidados. Chegamos ao orfanato com uma felicidade, misturada com ansiedade, típica de pais de primeira viagem. Mas já era nossa terceira. Duas biológicas e agora aquela, por adoção.

O processo judicial foi relativamente curto. Algo em torno de seis meses, onde tivemos reuniões com psicólogos, assistentes sociais e outros casais que tinham tomado a mesma decisão de ter mais filhos. Soubemos depois que a morosidade, nesses casos, se dá principalmente por exigência dos futuros pais, que querem crianças brancas, saudáveis, recém-nascidas. Talvez na esperança de que a adoção possa ser esquecida no futuro, talvez...

Nós, não. Só pedimos que fosse uma menina pelo fato de julgarmos que, já tendo criado

duas, fosse mais fácil educar uma terceira.

“Vocês podem ir ao abrigo conhecer a criança e, se não gostarem, continuamos o processo.” Essa frase da assistente social, algo gentil, carregava em si um pouco da história da nossa humanidade, ainda engatinhando moralmente, de julgar pela aparência e descartar “o que não é espelho”, como sintetizou Caetano Veloso.

***Podemos, ou
devemos, mudar os
caminhos por
onde passamos.
Isso é possível***

Fomos com a certeza de que gostaríamos, sim. Como espíritos convictos, imaginar a possibilidade de que aquela criança pudesse ter sido escolhida por mero acaso era inaceitável.

Enquanto aguardávamos a liberação burocrática, fiquei

no pátio conversando com o Paulo, um garoto de 7 anos que, pelas condições que a vida lhe impusera, aparentava a maturidade de um adulto num corpinho franzino.

– Tio, eu sei que você veio aqui buscar uma criança, mas não sou eu. Já sou muito velho e ninguém me quer mais, com toda essa idade. Minha família é só o “vô” – assim as crianças chamavam o senhor que cuidava do lugar.

Tentei ponderar que ele ainda era pequeno, que era lindo, muito esperto e que, com certeza, chegaria também a sua vez. Pensei em dar esperanças para alguém que tinha a vida toda pela frente.

– Você vai levar aquela menina? Ih, tio, ela chora muito, faz xixi na fralda, dá um trabalhão. Eu, não! Faço tudo certinho.

Difícil lembrar dessas palavras sem sentir um aperto no coração e um esforço para conter as lágrimas que insistem em cair. Desde aquele dia, já se passaram muitos anos. E o Paulo, se não conseguiu uma família, foi obrigado a sair do abrigo, porque com 18 anos não pode mais continuar lá. É a sociedade, de forma legal, abandonando mais uma vez quem já foi abandonado outras tantas.

Talvez você que me lê agora esteja pensando que não podemos mudar o mundo, o que sou obrigado a concordar. Mas podemos, ou devemos, mudar os caminhos por onde passamos. Isso é possível. Eu poderia ter mudado o mundo do Paulo, mas deixei passar a oportunidade.

Minha filhinha, hoje já adolescente, não chora mais. Já aquele garotinho mirrado, o Paulo, além de continuar no meu coração, quem sabe onde e como estará?

**Humberto do Nascimento
Filho é do GFC (Grupo Fraternidade Cristã), de São Paulo**



Uma luz no invisível: a ciência conseguirá ‘enxergar’ o mundo espiritual?



Imagine entrar em uma casa espírita e, ao lado da câmara de passes ou da sala de desobsessão, encontrar um equipamento capaz de registrar a presença de espíritos. Um aparelho que, em vez de depender exclusivamente da sensibilidade dos médiuns, capta alterações sutis no ambiente e revela, por meio de imagens, a presença de entidades espirituais. Parece ficção científica? Talvez. Mas os avanços recentes da física sugerem que esse futuro pode estar mais próximo do que imaginamos.

Em maio de 2025, cientistas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) conseguiram algo inédito: capturaram imagens de átomos isolados, em movimento livre, sem estarem presos a superfícies ou mantidos por lasers. Para isso, utilizaram átomos de césio resfriados a temperaturas extremamente baixas e os colocaram em um estado especial que os torna muito sensíveis ao ambiente. Com uma técnica que detecta pequenas mudanças na luz ao redor desses átomos, os pesquisadores conseguiram “ver” onde eles esta-

vam, sem interferir diretamente neles.

Esse feito, além de impressionante do ponto de vista científico, nos convida a refletir sobre as fronteiras entre o visível e o invisível. Se já conseguimos enxergar partículas tão pequenas e sutis como átomos livres, por que não imaginar que, um dia, poderemos detectar formas ainda mais sutis de matéria ou energia?

Uma luz no invisível

A doutrina espírita nos ensina que o mundo espiritual é composto por uma realidade vibratória mais elevada, invisível aos olhos comuns, mas real e atuante. Espíritos desencarnados, por exemplo, estariam em um estado diferente de matéria, perceptível apenas por médiuns ou, quem sabe, por instrumentos ainda por vir.

A literatura espírita descreve o perispírito como um envoltório semimaterial que interage com o mundo físico por meio de vibrações. Se a ciência já consegue captar interações quase imperceptíveis entre partículas, talvez estejamos nos aproximando de uma era em que essas vibrações espiri-

tuais também possam ser medidas e até visualizadas.

Um equipamento baseado em princípios semelhantes aos usados no experimento do MIT poderia, no futuro, registrar a presença de entidades espirituais, identificar padrões vibratórios e até auxiliar em tratamentos espirituais com mais precisão?

O impacto disso nas casas espíritas seria profundo. Poderíamos validar cientificamente fenômenos espirituais, apoiar o trabalho dos médiuns, ampliar a assistência espiritual e facilitar o ensino da doutrina. A ciência, passo a passo, se aproxima das verdades espirituais. E a imagem de um átomo livre, antes invisível e agora visível, nos lembra que o invisível não é o mesmo que inexistente. Ele apenas aguarda os instrumentos certos para se revelar.

**Marcelo de Andrade é
cartunista, jornalista e
voluntário da Assistência
Espiritual P3B do Grupo
Fraternidade Cristã (SP)**

**Texto assistido por IA*

Semeando Luz: O Sentido da Evangelização Infantil

Qual o sentido da Evangelização Infantil?

A essa pergunta recebemos algumas respostas. Veja a seguir:

O que é a Evangelização Infantil?

Evangelização Infantil é um trabalho de amor, educação moral e espiritual voltado às crianças, com o objetivo de auxiliá-las no desenvolvimento dos valores cristãos ensinados por Jesus. Mais do que transmitir conhecimento teórico, a evangelização busca despertar na criança sentimentos de fraternidade, respeito, caridade, disciplina e amor ao próximo. É um processo de despertar o Espírito para uma nova vida sob as luzes do Evangelho.

Qual a importância da Evangelização Infantil na Casa Espírita?

A Evangelização Infantil é vital para a transformação social e espiritual do planeta. A criança evangelizada cresce conhecendo os ensinamentos do Evangelho e aprendendo a lidar melhor com suas emoções, atitudes e desafios da vida. Conforme os ensinamentos de Edgard Armond, a evangelização é uma semeadura de luz no coração infantil, preparando

do espíritos mais conscientes e equilibrados para o futuro.

O que se aprende na Evangelização Infantil?

Na Evangelização Infantil, a criança aprende sobre Deus, Jesus, a imortalidade da alma, a reencarnação, a lei de causa e efeito, a importância da oração e da prática do bem. Também aprende valores morais fundamentais para a convivência humana, como respeito, honestidade, humildade, paciência e solidariedade. O aprendizado acontece de maneira simples, amorosa e adequada à idade da criança, utilizando histórias, músicas, atividades recreativas, exemplos e vivência do Evangelho e momentos de reflexão.

Como atuamos com a criança na Evangelização Infantil?

O trabalho com a criança na Evangelização Infantil deve acontecer com muito carinho, paciência e compreensão. O evangelizador atua como um exemplo vivo dos ensinamentos cristãos, acolhendo a criança com amor e incentivando

sua participação. Por isso, é importante criar um ambiente harmonioso, alegre e seguro, onde ela possa desenvolver confiança, espiritualidade e sentimentos nobres.

Qual a importância da criança conhecer Jesus na Evangelização Infantil?

Apresentar Jesus e seu exemplo à criança, com base na codificação kardequiana, é dar a ela o maior modelo de amor, bondade e fraternidade. Quando a criança cria um laço de afeto com o “amigo” Jesus desde cedo, ela desenvolve valores que a ajudam a enfrentar as dificuldades da vida com mais equilíbrio e bondade.

Evangelizar é, portanto, preparar o terreno do coração para que as virtudes floresçam, auxiliando a família na tarefa educativa e na prevenção dos desvios morais.

**Sumaia Campos de Carvalho
é do Grupo Espírita
Raios de Luz (GERLUZ)**

Qual o sentido da Evangelização Infantil?

A Evangelização Infantil é a ferramenta utilizada para que os pequenos possam conhecer e vivenciar os ensinamentos de Jesus. Todas as crianças, independentemente de sexo, etnia ou condição social, têm o direito de saber e conhecer a história d'Aquele que se fez pequeno para estar entre os grandes, e como suas palavras podem moldar o Homem de bem, o Homem integral.

A Evangelização Infantil não doutrina. Ela aponta cami-



nhos para o desenvolvimento de respeito, humildade, fraternidade, ética e amor, atitudes que devem ser direcionadas a todas as pessoas. Respeita as crianças de acordo com seu nível de compreensão, sem obrigá-las a nada. Busca vivenciar

os ensinamentos de Jesus de forma lúdica, prazerosa e muito respeitosa.

Se todos pudessem conhecer Jesus na Evangelização Infantil, certamente teríamos cidadãos mais ajustados, conhecedores dos verdadeiros valores que regem a vida material e sua influência na vida espiritual e, quem sabe, até mais felizes.

**Leda Maria Louzada
é do Centro Espírita de
Evangelização Maria de
Nazaré (CEEMN)**



O corpo que herdamos influencia nosso comportamento?

Pesquisas recentes em genética do comportamento vêm desmontando a ideia de que seríamos definidos por um gene, por um trauma isolado ou por uma condição recebida ao nascer. Um estudo publicado em 2024 na revista “Nature Human Behaviour” investigou a arquitetura genética dos cinco grandes traços de personalidade e identificou múltiplas associações genômicas, compondo um quadro complexo. Antes dele, uma meta-análise de estudos com gêmeos já havia mostrado influência hereditária em características humanas, com achados incapazes de reduzir a pessoa unicamente à biologia.

Essa visão dialoga com o pensamento espírita. Allan Kardec, em “O Livro dos Espíritos” (pergunta nº 207), oferece uma chave simples: “o corpo deriva do corpo, mas o espírito não procede do espírito”. A herança corporal é real. Genes, cérebro, temperamento, gestação e ambiente familiar participam da experiência humana encarnada. Mas a individualidade espiritual não nasce do organismo. Ela se manifesta por ele.

O Espiritismo não nega a ciência para afirmar o espírito. Pode acolher o que a pesquisa revela sobre o corpo, sem transformar o corpo em explicação total do ser. Kardec afirma que os órgãos são instrumentos da manifestação das faculdades da alma. A música não nasce do instrumento, mas precisa dele para ressoar. Do mesmo modo, o espírito não é fabricado pela genética, mas encontra no corpo possibilidades e desafios para sua evolução. (“O Livro dos Espíritos”, pergunta 369)

A programação encarnatória, nesse sentido, não é roteiro rígido, mas organização de oportunidades. O espírito reencarna em determinado grupo familiar, com certas combi-

nações hereditárias e em certo contexto afetivo e social. Isso não ocorre para cumprir uma sentença, mas para trabalhar suas possibilidades, seus vínculos e ampliar consciência. A genética pode integrar essa programação como oportunidade educativa.

André Luiz, em “Missionários da Luz”, sintetiza essa ideia ao afirmar que a criatura terrena herda “tendências”. Podemos trazer impulsos, sensibilidades, fragilidades emocionais e inclinações de temperamento. Mas as qualidades morais se constroem. Ninguém está condenado a ser apenas aquilo que recebeu do corpo, da família ou do passado espiritual.

A “Revista Espírita”, de fevereiro de 1864, ilumina esse caminho ao valorizar as primeiras lições morais da infância. Kardec lembra que orgulho e egoísmo devem ser enfrentados ainda “no estado de embrião”, com educação, exemplo e amor. A infância é tempo de grande plasticidade. É quando o espírito, mais acessível às impressões educativas, pode encontrar no lar e na comunidade recursos para reo-

rientar pendores.

Daí a força ética desse tema para o movimento espírita. Se predisposição não é destino, também não é desculpa. Somos chamados a compreender nossas heranças sem nos escondermos nelas. O corpo que herdamos pode trazer limites e características únicas. A família que recebemos pode revelar encontros difíceis e ajustes necessários. Mas o espírito que somos continua responsável por aquilo que faz com as possibilidades da existência.

Entre genes, ambiente e reencarnação, a mensagem espírita permanece esperançosa: ninguém começa do zero, mas ninguém está acabado ao nascer. Como lembrava Herculano Pires, o espírito é um ser em construção no tempo. O corpo é instrumento. A família é oficina. A vida é escola. E a personalidade espiritual é construção paciente, feita de escolhas, educação, vínculos e esforço de transformação.

Thiago Rodrigues é voluntário de O Trevo e do Grupo Espírita Reencontro, Regional ABC



"Não estacionar no bem nem progredir no mal."

Não podemos nos acomodar nas virtudes que já conquistamos. Precisamos aprimorá-las continuamente e adquirir outras, pois deixar de fazer o bem já é um mal que pode se desenvolver.

Jair Lopes Ramos - 139ª turma
CEAE Genebra - São Paulo/SP
Regional SP Centro

"O homem retarda, porém a lei o impulsiona."

É do ser humano tentar retardar as coisas, porém tem uma força invisível muito maior que tudo, que me impulsiona a procurar, questionar, investigar. É nesse momento que vem essa força e faz com que eu volte ao prumo e tente ser uma pessoa melhor!

Fátima Braga Alamis - 52ª turma
Grupo Fraternidade Cristã - São Paulo/SP, Regional SP Oeste

"Toda virtude que se conquista é uma porta nova que se abre para um mundo melhor."

Nem sempre foi fácil manter a calma. No passado minha paciência era muito curta e eu me estressava com muita facilidade. Hoje vejo que, aos poucos, estou tendo autocontrole em certas situações. Percebi que, quando não aprendo com o que acontece, as coisas se repetem, sabendo que tudo é um processo de aprendizado.

Suzana S. Patricio - 24ª turma
Centro Espírita Vinha de Luz - São Paulo/SP, Regional SP Centro

"O seu mau humor não modifica a vida."

Durante a minha infância, adolescência e parte da vida adulta, eu era refém das emoções, ou vivia à deriva delas. Qualquer revés bastava para estragar o meu dia, e isso me corroía. Passei por momentos desafiadores. Por fim, percebi que, nessa breve e surpreendente equação da vida, o mau humor não faz parte da solução.

José Antonio C. Pereira - 21ª turma
CEAE Patriarca - Cidade Patriarca/SP
Regional SP Leste

"Lembre-se de que o mal não merece comentário em tempo algum."

Consegui perceber que a maldição faz parte da minha vida o tempo todo. Quantas vezes participei de fofocas e achava normal falar mal de alguém, apontar defeitos, como se eu não tivesse nenhum. Tenho muitos defeitos, talvez até piores daqueles que apontava em outras pessoas. Já coloquei como meta deixar de falar mal das pessoas, mesmo sabendo que não será fácil. Vou mudar o meu olhar para ver o positivo e não o negativo.

Márcia Francisca F. Marcolino - 70ª turma online
C. E. Caminhos de Libertação - São Paulo/SP, Regional SP Norte

"Somente após superar o transitório poderá o aprendiz conquistar a individualidade eterna."

Para mim, o transitório é o mundo material, são as provas e expiações, e tudo que acontece comigo durante a encarnação. A individualidade eterna é o que eu sou, é minha essência e a minha transformação espiritual, que vou levar comigo, eternamente, após meu desencarne.

Ana Letícia Lozana - 52ª turma
Centro Espírita Redenção - Araraquara/SP, Regional Araraquara

"Ajude sem exigências, para que os outros o auxiliem sem reclamações."

A caridade em forma de ajuda ao próximo é a oportunidade que temos também de acelerar nossa evolução e ter merecimento em nossa jornada espiritual. Penso que eu, em vários momentos do meu dia, preciso da ajuda de várias pessoas, então é importante que eu ajude a criar ao meu redor essa harmonia de ajuda mútua sem outras intenções.

Vinicius J. Santana - 12ª turma
CEAE Barretos - Barretos/SP,
Regional Ribeirão Preto

"Levante o caído. Você ignora onde seus pés tropeçarão."

... Não sou melhor do que o outro em nenhum aspecto para nutrir julgamentos que me impeçam de ser acolhedora e oferecer o que eu puder em momentos de dificuldade. Tento pensar que o erro do outro pode ser o meu em algum momento, como já aconteceu algumas vezes. É um exercício diário que tenho tentado promover.

Juliana R. J. Silva - 18ª turma
GEAE Barão Geraldo - Campinas/SP,
Regional Campinas

"O corpo é o templo do Espírito."

Templo para mim é um lugar sagrado. No curso de EAE aprendi que o nosso corpo é um instrumento pelo qual o espírito reencarna e consegue vir ao nosso planeta para evoluir. E que devo cuidar da parte moral, usar o corpo de forma adequada, sem vaidade, sem exageros, sem promiscuidade. Que é um templo, devo amar e cuidar.

Olga Terehoff González - 3ª turma
F. A. Espírita Discípulos de Jesus -
Ribeirão Pires/SP, Regional ABC

Dirigente de EAE, envie-nos, digitado e pelo e-mail trevo@equipesalianca.org.br, o melhor trecho de algum tema escrito por seus alunos, informando sempre tema, nome completo do aluno, turma, nome da casa e regional.

Conexões sem Fronteiras: "My Universe" une jovens da Europa e do Brasil



Com o propósito de cruzar o Atlântico e construir pontes que aproximam culturas, o recente encontro online "My Universe" reuniu, no dia 17 de maio, jovens, voluntários e familiares de diferentes países para conversar sobre espiritua-

lidade, juventude, livre-arbítrio e o sentido da vida. Promovida em uma união de forças entre a Aliança Espírita Evangélica e a FEB, a iniciativa utilizou a tecnologia para conectar 35 participantes em salas temáticas, promovendo o acolhimento e

a troca de experiências entre as novas gerações.

Mais do que um evento isolado, a ação consolidou uma rede de cooperação para fortalecer os grupos locais de Educação Espírita na Europa, inspirando todos a construir juntos o futuro da nossa humanidade. Fizeram parte dessa grande união as Casas: Fraternidade dos Discípulos de Jesus (Portugal), Maria de Nazaré e Núcleo Fraterno Francisco de Assis (Holanda), FAK (Alemanha), Neecafla (Bélgica), além do Novo Horizonte e Estrada de Damasco (Brasil). Se você deseja integrar essa rede de amigos, procure por uma dessas Casas parceiras nas redes sociais e conecte-se aos grupos locais.

Regional ABC realiza cerimônia de ingresso na Fraternidade dos Discípulos de Jesus



"O convite está feito. A Terra está preparada e a semente pronta para frutificar."

Com muita emoção compartilhamos um pedacinho do que foi a cerimônia de ingresso na Fraternidade dos Discípulos de Jesus (FDJ) e o Encontro de Discípulos realizado no CAE Geraldo Ferreira, promovido pela Regional ABC.

Foram 115 discípulos pre-

sentes, entre membros da FDJ e 34 novos irmãos ingressando nesta caminhada de serviço, aprendizado e vivência do Evangelho de Jesus.

Em meio às reflexões do encontro "Discípulos em Ação", fomos profundamente tocados pela mensagem espiritual recebida durante a manhã, recordando que somos chamados a cuidar da boa semente,

preparar a terra do coração e dar continuidade ao Evangelho do Cristo sobre a Terra.

"Não deixe a semente secar. Não deixe a terra ficar árida."

Que possamos guardar no íntimo este convite do Divino Semeador, seguindo unidos pelos laços do amor, da fraternidade e da esperança, fortalecidos para servir e semear o bem onde estivermos.